



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8668173>

Artigo Original

O universo do futebol no Brasil: os significados do torneio BAPE no Sertão do Rio São Francisco

The soccer universe in Brazil: the meanings of the BAPE tournament in the Sertão of the São Francisco River

El universo del fútbol en Brasil: los significados del torneo BAPE en el Sertão do Rio São Francisco

Francisco Demetrius Luciano Caldas¹ 

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão² 

RESUMO

Objetivo: O artigo tematiza o universo do futebol amador do Sertão do Rio São Francisco através de um torneio denominado BAPE, cujo diferencial era opor times das cidades de Juazeiro (Bahia) e Petrolina (Pernambuco). Nosso objetivo é tomar esses jogos como veículos para a interpretação da cultura local. **Método:** A metodologia primou pela análise de reportagens jornalísticas realizadas pelo Jornal de Juazeiro durante a existência do torneio por três décadas, de 1970 a 1990. **Conclusão:** A análise documental evidenciou que o universo futebolístico do Bape trazia nas suas dinâmicas nuances e características significativas do contexto sociocultural do Vale do São Francisco, que se expressavam sobretudo pelas relações de rivalidade e vizinhança na construção social das identidades das cidades de Juazeiro e Petrolina.

Palavras-chave: Bape. Futebol. Sociedade. São Francisco. Juazeiro. Petrolina.

¹ Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Floresta - PE, Brasil.

² Universidade Federal da Bahia, Departamento de Educação Física, Salvador - BA, Brasil.

Correspondência:

Francisco Demetrius Luciano Caldas. Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano Sertão, Campus Floresta, Rua Projetada, S/N, Caetano II, Floresta - PE, CEP 56400-000. Email: francisco.demetrius@ifsertao-pe.edu.br



ABSTRACT

Objective: This article thematizes the amateur soccer from the Sertão do Rio São Francisco through a tournament named BAPE, whose differential was oppose teams from the city of Juazeiro (Bahia) and Petrolina (Pernambuco). Our goal is to take these games as vehicles for interpreting local culture. **Method:** The methodology excelled in the analysis of journalistic reports carried out by the Jornal de Juazeiro, from 1970 to 1990. **Conclusion:** The documental analysis evidenced which the BAPE soccer universe brought in its dynamics nuances and significant features in the sociocultural contexto of the Vale do São Francisco, who expressed themselves, mainly because of the rivalry relationships and neighborhood in the identity construction of the cities Juazeiro and Petrolina.

Keywords: Bape. Soccer . Society. São Francisco. Juazeiro. Petrolina.

RESUMEN

Objetivo: El artículo tiene como objetivo presentar lo que el universo futbolístico de un torneo de fútbol amateur denominado BAPE reveló sobre el Valle de São Francisco durante el período en que se llevó a cabo. Ocurrió en las ciudades de Juazeiro da Bahía y Petrolina en Pernambuco, su nombre se refería a las abreviaturas de sus respectivos estados federales. **Método:** La metodología destacó en el análisis de reportajes periodísticos realizados por Jornal de Juazeiro en la ciudad de Juazeiro-Ba durante la existencia del torneo durante tres décadas, de 1970 a 1990. **Conclusão:** Aspectos del contexto sociocultural del Valle de São Francisco, que fueron expresado, sobre todo, a través de las relaciones de rivalidad y vecindad entre las ciudades de Juazeiro y Petrolina.

Palabras Clave: Bape. Fútbol. Sociedad. San Francisco. Juazeiro. Petrolina.

INTRODUÇÃO

Entre as décadas de 1970 a 1990, o futebol amador da região denominada Sertão do São Francisco teve no torneio BAPE seu maior expoente. Ocorrido nas cidades de Juazeiro e Petrolina, seu nome fazia alusão às siglas dos seus estados vizinhos do Nordeste brasileiro, Bahia e Pernambuco, separados pelo Rio São Francisco. O torneio primava por opor as melhores equipes amadoras das duas cidades, em jogos que ocorriam em seus estádios³ nos fins de semana ou feriados. Capitaneado por suas ligas esportivas⁴, a LDJ - Liga Desportiva de Juazeiro e LDP - Liga Desportiva e Petrolina, o torneio popularizou na região também conhecida como Vale do São Francisco, por ser uma iniciativa inédita ao congregar equipes cujas identidades demarcavam suas diferenças: uma baiana e a outra pernambucana. Em campo, a equipe campeã levaria o título de melhor futebol do Vale, destacando a supremacia esportiva de uma cidade em relação à outra, trazendo à tona outras diferenças oriundas do desenvolvimento social, econômico e cultural das duas cidades, tidas como irmãs, mas com trajetórias distintas.

Às margens do Rio São Francisco, Juazeiro e Petrolina cresceram com possibilidades econômicas que o progresso trazia desde a década de 1960, em investimentos da união na irrigação e fruticultura⁵. Ortega e Sobel (2007) afirmam que mesmo próximas e interdependentes, seus caminhos para o desenvolvimento demarcaram trajetórias diferentes, expondo suas semelhanças, diferenças e particularidades, que se expressavam nas dimensões da vida, como a economia, o desenvolvimento urbano, social e cultural dessas cidades. Seus habitantes construíram o hábito de compará-las em seus diversos aspectos sociais. Petrolina terminou por representar o progresso e a modernidade, enquanto Juazeiro sinalizava o atraso e o antigo (ORTEGA; SOBEL, 2007).

Se o futebol é capaz de ser uma metáfora da sociedade, ao evidenciar seus dramas e emoções em campo como afirma Damatta (1982), o torneio Bape revelou-se um fenômeno privilegiado para a compreensão dos dramas da sociedade sertaneja do nordeste brasileiro, representada sinteticamente no

³ O estádio de Juazeiro se chama Adauto Morais e foi fundado em 12 de setembro de 1930 em homenagem a um desportista da cidade. O de Petrolina foi fundado em 1961 e hoje é conhecido como estádio Paulo de Souza Coelho, mas já foi chamado de Estádio da Associação Rural (GUIMARÃES, 2013).

⁴ A Liga Desportiva de Juazeiro foi criada em 1923, enquanto que a de Petrolina data de 1948 (GUIMARÃES, 2013).

⁵ Estas duas cidades são as mais importantes da região denominada Polo Petrolina/Juazeiro. O polo foi fruto de políticas econômicas nacionais desenvolvidas a partir da década de 1950. Em 1957, foi criado o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), sob a chancela de Celso Furtado, visando solucionar, dentre outros problemas do Nordeste, os causados pela seca no semiárido. É formado por oito municípios do semiárido nordestino e localizado numa área conhecida como Submédio do Vale do São Francisco, às margens do Rio São Francisco, no extremo oeste de Pernambuco e norte da Bahia; possui solos e clima adequados ao cultivo da fruticultura (SOBEL; ORTEGA, 2009).

âmbito esportivo amador, do universo sociocultural de Juazeiro e Petrolina nas últimas décadas do século XX.

À luz dos estudos de Damatta (1990), que como afirma Vaz (2020) representou o impulso mais importante para o futebol tornar-se objeto pesquisado pelas humanidades no Brasil⁶, o Bape pode ser percebido como um ritual. Nesse aspecto, um jogo de futebol se caracteriza enquanto um evento dramático, com embates entre equipes que representam nações ou clubes que dramatizariam os sentimentos de identidade e de pertencimento. Aqui, representavam cidades e seus clubes amadores que mesmo separados geograficamente, intercambiavam a partir de suas identidades regionais baiana e pernambucana, interesses em comum.

Neste aspecto, dramatizar é chamar a atenção para as relações, valores ou ideologias que formam o conjunto da vida diária, ou seja, o ritual e o drama seriam uma oportunidade através da qual uma dada população conta a sua história.

O ritual tende a criar o momento coletivo, fazendo sucumbir o individual e o regional no coletivo e nacional. Daí as comemorações e, sobretudo, os ritos esportivos, em que a dialética da competição individualista acaba por formar uma totalidade englobada por quem sai vitorioso (DAMATTA, 1982, p. 33).

Em síntese, o ritual é um traço distintivo da dramatização, pois possibilita condensar algum aspecto ou evento, e também potencializá-lo por meio da sua exposição. Como diria também Vogel (1982, p.78), o ritual “proporciona um momento privilegiado para a compreensão da gramática que articula o universo local”. Tais partidas suscitaram valores significativos no plano cultural e esportivo para aquele recorte histórico: o BAPE reforçou o capital futebolístico amador de Juazeiro e Petrolina e ritualizou em suas disputas os sentimentos de vizinhança e rivalidade entre seus habitantes.

Tendo como suporte a premissa Damattiana, quando afirma que uma compreensão sociológica do futebol possibilita um entendimento mais apurado da sociedade e entendendo que o potencial dos dramas é a capacidade de revelar dos fenômenos sociais, a pergunta que orienta este artigo é: o que o torneio BAPE revela sobre o futebol do Vale do São Francisco no período de sua realização? Nosso objetivo é analisar diacronicamente os significados do BAPE.

Para tanto, consideramos as especificidades do futebol em tela e seu caráter amador e regional, uma vez que a análise de Damatta retrata um

⁶ Damo (2020) também afirma que na produção brasileira o campo de estudos sobre o futebol é multidisciplinar, com atuações sistemáticas da antropologia e historiografia, ao passo que a ciência política e economia têm apresentado pouco interesse.

futebol⁷ e seus entrelaçamentos com a sociedade brasileira. Aqui, pretende-se tornar o futebol amador do BAPE em um modo específico entre tantos outros pelo qual o Vale do São Francisco se expressa, “revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982, p. 21).

MÉTODO

Compreendemos esta pesquisa como uma investigação pautada na História Cultural, uma vez que pretende realizar uma leitura simbólica de um evento ao longo da sua realização. Mas, sobretudo por se tratar de acordo com Chartier (1990), de uma investigação que primou por uma prática cultural, com base nas suas discussões acerca das noções de prática e representação⁸. Para o autor, as práticas culturais estão para além das instâncias oficiais de produção cultural; são práticas culturais não apenas a confecção de uma obra de arte, mas também os modos de agir, pensar ou se comunicar de uma determinada sociedade, bem como suas formas de diversão, a culinária, seus medos e anseios, aquilo que constrói diariamente seus cotidianos.

Em Burke (2008) também reforçamos que a História Cultural se firma pela sua preocupação com o simbólico e suas interpretações; de forma que abarca certas partes do passado que por outros meios não poderiam ser alcançados. O método se ocupou de um olhar antropológico sobre um evento urbano e a luz dos estudos de Damo (2021) reconhecemos a importância da interdisciplinaridade para esse exercício, sobretudo das contribuições da historiografia, que como bem pontua preza pela perspectiva diacrônica, enquanto que a antropologia se caracteriza pelas pesquisas no tempo presente.

Como fonte histórica para acessar essas compreensões, optamos pelo jornal impresso da cidade de Juazeiro, *O Jornal de Juazeiro*. Diante das matérias encontradas, selecionamos apenas aquelas que dialogaram com os interesses do estudo, não incluindo muitas reportagens que se ocuparam de questões operacionais da competição, ou que compunham o *modus operandi* do jornalismo esportivo. Dezessete reportagens jornalísticas permitiram captar

⁷ A análise sociológica de Roberto Damatta compreende o futebol como elemento cultural “genuinamente brasileiro”, em sua versão *soccer*, profissional ou denominado *football association*. De acordo com Vaz (2021), seus trabalhos compartilham o imaginário de um futebol-arte, bem como um jogo, que ao contrário de *Play* na língua inglesa, está associado à sorte e ao azar. O futebol protagonizado no torneio Bape se espelha no profissionalismo e até consegue refletir em escalas menos organizadas ou burocráticas algumas de suas características, como a existência em seus times de uma sede, diretores e treinadores. Todavia, predominam as relações comunitárias e de improviso, caracterizando sua dinâmica essencialmente amadora.

⁸ Barros (2003, p.157) esclarece que de acordo com Chartier, a cultura poderia ser examinada pela relação interativa entre as práticas e as representações, entendidas como dois polos. Desta forma, “tanto os objetos culturais seriam produzidos *entre práticas e representações*, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois polos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos *modos de fazer* e aos *modos de ver*”.

elementos que possibilitassem a interpretação da cultura local, sendo três da década de 1970, cinco dos anos de 1980 e nove da década de 1990.

Os jornais como fonte de pesquisa se relacionam com o próprio desenvolvimento histórico do futebol, que não teria sido o mesmo sem a presença e contribuições da imprensa escrita. Em seu passado, os jornais foram fundamentais, pois se tornaram a base para que historiadores e cientistas sociais pudessem investigar sobre suas temáticas mais relevantes (LUCA, 2005). O tratamento dos dados foi realizado por meio da análise documental, pesquisando no acervo dos jornais as notícias sobre o evento ao longo dos anos. Essas notícias foram organizadas a partir das décadas de sua existência, compreendendo por essas leituras os significados do jogo em seus diferentes períodos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para responder à pergunta que nos inquieta, ou seja, o que o universo futebolístico do torneio BAPE revelou a respeito do Vale do São Francisco no período de sua realização, optamos por analisar o torneio a partir da sua sequência cronológica. Iniciando as reflexões com a década de 1970 e em seguida 1980 e 1990.

Na década de 1970 o Vale do São Francisco, a partir das cidades de Juazeiro e Petrolina, vivenciavam benefícios com o crescimento de políticas públicas iniciadas na década de 1960. Eram centradas na implantação dos perímetros irrigados, promovendo forte desenvolvimento econômico desta região do semiárido nordestino. (SOUZA, 2017). É nesse contexto que o BAPE representou uma cultura esportiva e futebolística entre as duas cidades, se fazendo presente nas primeiras reportagens jornalísticas a seu respeito. Uma delas sintetizava o clima de desenvolvimento econômico no setor esportivo:

O ano de 1972 foi dos mais quentes. Enquanto eram efetuados os serviços de restauração do Estádio Aduino Moraes, com ampliação de arquibancadas, túneis, alambrado e grama, os clubes juazeirenses Olaria Veneza e Carranca disputam o segundo torneio Bahia-Pernambuco.⁹

A imprensa divulgava todas as notícias do torneio, contribuindo para uma tradição que iria se fortalecer mais ainda nas suas próximas edições. A rotina de suas partidas ecoava, bem como a identificação de seus feitos, símbolos e craques:

⁹ QUEIROZ, Otoniel. Futebol da região, Tribuna do Povo, Juazeiro, 14 de julho de 1973, Ano XII, p.8.

Pela quantidade de pênaltos que defendeu, e pela maneira como se comportou no torneio, o arqueiro Costinha do Olaria, foi considerado o craque do torneio. Outra sensação do Torneio foi o garoto Celso, do Veneza. Caminha a passos largos para se tornar um grande craque do futebol juazeirense. O time Olariense estreou no festival no dia 1º, um belíssimo uniforme que prendeu a atenção dos torcedores no Adatao.

No dia 1º de abril, o time alvinegro conseguiu mais um título extra e brilhante de "campeão do quadrangular Bahia-Pernambuco", envolvendo equipes de futebol juazeirense e petrolinense. Mais um título que foi para sua coleção. Foi uma tarde festiva para o futebol da região, proporcionada por Olaria, Veneza, Carranca e América de Petrolina, com o estádio Adatao Morais recebendo um público numeroso que começou a vibrar as primeiras horas da tarde ensolarada de 1º de abril¹⁰.

As movimentações do torneio também permitiam a construção de relações entre as ligas das cidades e seus respectivos estados. Nesse jornal é a liga de Juazeiro que ganha visibilidade, pois mantinha profícuas relações com a Federação Baiana de Futebol - FBF. Guimarães (2013, p.14) relata que a "Liga Desportiva Juazeirense conseguiu trazer João Havelange a Juazeiro-BA, devido à importância do futebol amador da cidade". Vasco da Gama, Flamengo e Botafogo também estiveram no município para jogar contra os times amadores de Juazeiro-BA. Uma matéria expressou a capacidade do esporte em ser também um veículo político para que a capital do estado baiano desse mais atenção às cidades interioranas:

Agora estamos aí, a chamado novamente da Federação Baiana de Futebol, para participar de torneio que reúne os campeões e vices de 1976, das cidades interioranas da Bahia, tudo com um bom sinal de organização, sentido de perfeição e objetividade, demonstrados já pelo atual comandante da FBF que se propõe, inclusive, a olhar com mais carinho o interior e fazer de fato a perfeita integração do futebol baiano¹¹.

As matérias desse período do torneio, mesmo sendo poucas quando comparadas às outras décadas, revelam algo substantivo à existência do BAPE no Vale. Em sua primeira década, ocupou prioridades na agenda esportiva local, podendo ser entendida como uma prática social idealizada por uma coletividade, deflagrando uma complexa rede de significados através dos rituais praticados no futebol. Um dos rituais era atravessar a ponte ao sábado ou domingo e torcer pelo seu time, sua cidade ou identidade regional. Se a tabela indicava que o jogo era em Petrolina, os juazeirenses faziam o percurso até o estádio da Associação Rural; o contrário, os petrolinenses dirigiam-se a outra margem do rio, até o estádio Adatao Morais. Esse ritual simbolizava o dualismo constante presente

¹⁰ QUEIROZ, Otoniel. Olaria de títulos inéditos. Tribuna do Povo, Juazeiro, 07 de abril de 1973, Ano XIII. p. 8.

¹¹ MORAIS, Augusto. Esportes. Jornal de Juazeiro, Juazeiro, 13 a 15 de maio de 1977, Ano III nº 129, p.6.

nesses sujeitos: tão próximos geograficamente, mas distintos em suas identidades locais; vizinhos, mas rivais em campo.

Na década de 1980, a tônica mais forte, presente nas matérias se reportaram aos episódios de tensão, disputas e rivalidades entre as equipes do torneio e suas respectivas cidades. Os fatos expressos nos jornais nos permitem refletir a partir de Damatta (1982, p.23), quando afirma que “o esporte faz parte da sociedade tanto quanto a sociedade faz parte do esporte”. Não deixamos de considerar alguns limites da reflexão Damattiana apontados por Damo (2003, p. 132), quando compreende o contexto social brasileiro considerando apenas o futebol espetacularizado em detrimento de outras versões futebolísticas que se popularizaram Brasil afora, ou como afirma esse autor os outros “futebóis”. Muito embora, o Arlei Damo também reconheça que esta limitação talvez se aplique “menos a Damatta, um pioneiro, e mais adequadamente aos trabalhos que se seguiram a ele”. Nesse panorama, o torneio BAPE pela sua própria natureza se distanciou do recorte espetacularizado, incorporando todas as nuances do amadorismo.

Como dissemos, Petrolina e Juazeiro se desenvolveram nas proximidades do rio São Francisco, formando o maior aglomerado urbano do semiárido brasileiro. Mesmo compartilhando bens de serviços e consumo oriundos da agricultura e fruticultura, terminaram por construir caminhos díspares nas questões macroeconômicas. Petrolina alçou uma condição superior no desenvolvimento econômico em relação a Juazeiro. Nessa perspectiva, os praticantes do BAPE estavam imersos no contexto sociocultural da região, e o clima de comparações entre as cidades e suas disputas simbólicas se materializavam nos jogos. A imprensa baiana não economizou críticas a Petrolina, identificando-a como promotora de confusão ou inclinada ao *sururu* ou *badauê*, expressões que na linguagem popular designam brigas ou tumultos.

Mas atletas de Petrolina, não atingindo a todos, sempre chegados a uma confusão tiveram que novamente dar um espetáculo negativo provocando o maior *sururu* em campo. Quem não se recorda do zagueiro Fernando, do Palmeiras, que na decisão do primeiro turno do BAPE contra o Barro Vermelho, ao ser expulso teria se armado com uma faca e provocando o maior *badauê* no Adatao Moraes. Pois é torcedor, novamente Fernando domingo passado defendendo a seleção de Petrolina, tirou uma de Maguila, grande representante dos pesos pesados no Brasil e atingiu o árbitro da LDJ, José Francisco Barbosa¹².

A imprensa esportiva Petrolinense anuncia que a torcida caianense promete invadir o estádio Adatao Moraes e superar a torcida do

¹² José Geraldo. Bahia – Pernambuco serviu mesmo de união para Juazeiro e Petrolina? Jornal de Juazeiro, 24 a 26 de junho de 1987, p. 9).

Veneza. Para isso os chefes da torcida organizada do Caiano já estão mobilizados¹³.

Os relatos da reportagem dão força ao título da matéria chamada *O Bahia – Pernambuco serviu mesmo de união para Juazeiro e Petrolina?* Essa provocação por parte da imprensa baiana colocou em xeque a própria essência do torneio, que era congregar e unir as cidades a partir de suas equipes futebolísticas. Mas por essas lentes, a realidade era outra, o BAPE estava muito mais separando do que unindo Juazeiro e Petrolina. As discussões em torno das identidades e diferenças ganharam fôlego nos rituais das disputas. Essas tensões, provenientes da dinâmica cultural, se potencializaram no campo esportivo, na hora do jogo, no comportamento das torcidas, de tal modo que torcer por um time de Petrolina ou Juazeiro também passou a significar a exaltação de uma cidade sobre a outra. Como sinalizam os estudos de Norton (1997), a identidade é construída socioculturalmente em suas relações com as mudanças sociais e as relações econômicas, numa perspectiva de “investimento”.

O clima não muito amistoso aguçou as relações até então saudáveis entre as mentoras do evento, a LDJ e a LDP. Devido ao rompimento de um acordo que regulamentava a contratação de jogadores para o torneio, os organizadores do futebol de Juazeiro romperam publicamente com o futebol de Petrolina, não havendo a edição do ano de 1989. Essa discordância projetou uma reportagem, que esclareceu o motivo da ausência dessas partidas no jornal nesse ano, deixando clara a insatisfação dos dirigentes de Juazeiro. Outra vez, Juazeiro ocupava nesse universo esportivo local, um lugar menos privilegiado que a cidade vizinha; um motivo suficiente para cortar os laços de amizade:

Em virtude dos últimos acontecimentos, com a saída de vários jogadores de Juazeiro para Petrolina, com o futebol da vizinha cidade mais uma vez desrespeitando acordo feito com diretores de Juazeiro, na reunião de segunda-feira passada, os dirigentes de Juazeiro tomaram uma decisão unânime de cortar definitivamente os laços de amizade e cooperação que havia entre as duas ligas e que infelizmente nunca foi respeitado pelos nossos colegas da vizinha cidade. Um documento foi elaborado e vai ser enviado para divulgação em todos os setores esportivos do grande vale. Neste documento o ponto principal em questão é a punição que cada atleta de Juazeiro levará caso venha a atuar em Petrolina depois de ter assinado com os clubes de Juazeiro e devidamente iniciado o campeonato [...]. Com estas determinações fica definitivamente descartada a possibilidade de um BAPE¹⁴.

Os torneios Pedro Lajú e Bahia-Pernambuco foram promovidos este ano com o simples propósito de “unir” o futebol de Juazeiro e Petrolina no que viria a ser chamado mais tarde de

¹³ Veneza e Caiano, a grande atração no Adauto Moraes. Jornal de Juazeiro, 07 a 09 de março de 1987, p. 6.

¹⁴ Torneio Bahia-Pernambuco- pelo menos entre Juazeiro e Petrolina (Futebol de Juazeiro corta laços com o de Petrolina. Jornal de Juazeiro, 16 de março de 1989, p. 8.

confraternização futebolística. Pelo menos, foi o que tentaram pregar os presidentes José Carlos Tanuri e Vinícios de Santana da LDJ e LDP, respectivamente. Contudo este ensinamento ficou distante de ser seguido mais uma vez com os fatos registrados no domingo passado no estádio da Associação Rural quando da partida envolvendo os selecionados das duas cidades. [...] Este jogo que encerrou o ciclo de encontros das duas cidades no futebol, deveria ter uma outra conotação e quem sabe até um outro comportamento¹⁵.

Entre as advertências deste documento, chamado de *Carta aberta aos desportistas de Juazeiro e região*, um tópico é direcionado ao BAPE. Ele enfatiza que “[...] a partir desta data e enquanto perdurar o rompimento, fica suspenso o Torneio Bahia-Pernambuco (BAPE) e qualquer amistoso envolvendo equipes Juazeirenses contra as Petrolinenses em qualquer das duas praças esportivas e ou em campo neutro”¹⁶.

A normativa se intensificava nos arautos finais:

Atletas ficam penalizados por três anos e seus passos presos a LDJ, além desta medida extrema, dentro da lei, seus nomes estarão em uma LISTA NEGRA, que será oportunamente divulgada como castigo por sua inconstância e desamor a prática esportiva

Essa medida punitiva era contra a atitude de mudar de equipe ignorando as normas; aquele que o fizesse estaria praticando um ato de desamor ao seu município. A adesão de um jogador a uma equipe de uma das cidades não estava condicionada à sua naturalidade, um jogador natural de Petrolina podia atuar em uma equipe de Juazeiro e também o contrário. No entanto, um jogador não poderia mudar de agremiação se estivesse comprometido com uma equipe no momento em que o torneio já estivesse iniciado.

Devido ao maior poderio econômico de Petrolina, que também desfrutava de mais investimentos da iniciativa privada local, essas tensões se potencializavam em meio às contratações. Inferimos que a não realização da competição neste ano (de 1989) acarretou impactos socioculturais negativos para o torneio, tais como a perda de prioridade na agenda esportiva das duas cidades. No ano seguinte nenhuma matéria foi identificada nos jornais sinalizando a presença do BAPE nos gramados locais.

Nos anos da década de 1990, duas questões do universo futebolístico do BAPE ressoaram de forma mais contundente no cotidiano do Vale a partir de Juazeiro e Petrolina. A primeira reportou-se ao acirramento entre as equipes e suas ligas esportivas, provocando dissabores entre seus organizadores e os

¹⁵ José Geraldo. Bahia – Pernambuco serviu mesmo de união para Juazeiro e Petrolina? Jornal de Juazeiro, 24 a 26 de junho de 1987, p. 9.

¹⁶ (Carta aberta aos desportistas de Juazeiro e região. Jornal de Juazeiro, 17 de março de 1989, p.7).

admiradores do torneio, presença de violências física e simbólica em campo e sérias consequências à competição. A segunda protagonizou Juazeiro como a cidade que acumulou e sofreu mais consequências diante de problemas, quando comparada a Petrolina.

Quanto à primeira questão, uma matéria exemplificou os transtornos pelos quais passavam os atores do BAPE:

Os 167 torcedores a pagar o ingresso na última quinta-feira com o objetivo de assistir aos jogos estabelecidos pelas duas ligas, viram na verdade apenas parte do espetáculo, pois o restante do prélio foi empanado pelas agressões físicas, verbais entre jogadores, dirigentes e árbitros [...] o técnico do Carranca, Adroaldo Muniz e Melo (Dozinho) partiu para um bate-boca com o Bandeira José Carlos Amorim, da LDJ sendo necessário a interferência da polícia [...] o árbitro Etevaldo Silva, começou a distribuir cartões amarelos, sendo diversas vezes criticado pela dirigente Walter Henrique do Náutico [...] Quando o árbitro para o jogo e expulsa da cancha Ricardo Náutico e Robertão por agressão mútua. Neste momento, jogadores do Timbu petrolinense daqui, começam com trombada dali, agressão verbal, entre em campo a polícia, ninguém vai expulso e o jogo recomeça com bola ao ar para desespero dos torcedores e jogadores do alvirrubro [...] Quando faltavam exatamente 3 minutos para o final do prédio [...], o árbitro encerra a partida e novamente o Rebu é formado, desta vez em frente à mesa do Delegado LDP, Bosco¹⁷.

As disputas simbólicas entre as duas cidades no âmbito cultural e esportivo já mencionadas nas décadas anteriores, retornaram nesse momento recrudescidas, ao ponto de comprometer o futuro do certame. Esse dado nos reporta a uma questão importante dentro da sociologia esportiva de Damatta (1982, p. 24): “Que emoções podemos sentir e que sentimentos devemos afastar quando estamos no campo do futebol?” As matérias jornalísticas nos revelaram que os participantes do BAPE levavam a campo sentimentos e emoções historicamente construídos, feitos por relações antagônicas de vizinhança e competição, crescimento e atraso econômicos; tudo isso imerso nos domínios simbólicos de duas identidades bem demarcadas: uma baiana e a outra pernambucana.

Como exemplo desses antagonismos econômicos, podemos citar o próprio histórico das políticas econômicas federais de irrigação e fruticultura na região. Elas datam da década de 1950 e Petrolina terminou se beneficiando mais que Juazeiro, em razão da influência política da família Coelho, em canalizar mais recursos federais destinados à região denominada Pólo econômico Petrolina Juazeiro (ORTEGA; SOBEL, 2009). Sobel (2006) apresentou dados socioeconômicos dos anos de 1970 e 2000 das duas cidades, onde Petrolina

¹⁷ JOSÉ, Francisco. Terminou em confusão a 3 rodada do retorno do BAPE. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano XIX, 11 mai. 1991. Esportes, p. 6.

obteve melhores resultados quando comparada a Juazeiro nos indicativos educacionais e de saúde. Quanto aos indicadores educacionais, Petrolina se destacou por apresentar uma estrutura educacional mais robusta com redes estaduais de ensino, escolas técnicas, profissionalizantes e de ensino superior. Os dados de saúde informaram um melhor desempenho da cidade Pernambucana a partir dos indicadores de maior expectativa de vida e de serviços médicos. Em síntese o autor observou que de uma forma geral, Petrolina vem apresentando melhor performance agregada na economia e nos indicadores sociais quando comparada a Juazeiro.

O clima tenso não perdeu força no acompanhamento jornalístico da imprensa, e as vicissitudes dos jogos não deram sinais de arrefecimento:

Numa noite melancólica e desagradável para o futebol regional, foi realizada quarta-feira a décima terceira rodada do segundo turno do torneio Bahia-Pernambuco. De tudo ou quase tudo se registrou nos dois jogos que deram continuidade a esta fase da competição anteriormente conhecida como "o melhor evento esportivo da região", embora nos últimos tempos tenha se desgastado por conta desse tipo de coisas. Na preliminar de quarta-feira, Colonial e Santa Cruz começaram o jogo já com quase 35 minutos de atraso, provocando naturalmente o atraso do jogo seguinte entre América de Sobradinho e Náutico, que foi encerrado perto da meia noite. Se o maior problema fosse exatamente esse, dava pra suportar, afinal não é a primeira vez que acontece. No entanto, o que se registrou a partir daí foi uma tremenda falta de respeito para com o público desde quando com a ausência de uma bandeira da LDJ devidamente escalado para o jogo, improvisaram um torcedor como auxiliar de linha até Belmiro Santos assumisse seu lugar no segundo tempo. Essa não é a primeira vez que se registra esse tipo de coisa, semana passada um massagista foi bandeira de outro jogo¹⁸.

Finalmente está chegando ao fim o pior torneio Bahia Pernambuco de todos os tempos. Tido como uma das competições mais disputadas e bem organizadas de todo o interior nordestino o Bape desse ano decepcionou, não só pelo fraco nível das equipes, como pela falta de organização. Toda a imprensa é unânime em afirmar isso. Se a LDJ e a LDP, juntamente com os dirigentes de clubes estavam interessados e preocupados com o torneio de acesso¹⁹, porque decidiram pela realização do BAPE? O que podemos ver são estádios completamente vazios jogos desmotivados e equipes que não se dão ao trabalho nem mesmo de ir a campo. É importante que os dirigentes trabalhem para colocarem o futebol de Juazeiro e Petrolina na primeira divisão mas não esqueçamos o futebol regional que é quem revelou jogadores chamado por muitos como a "galinha de ovos de ouro"²⁰.

¹⁸ JOSÉ, Francisco. O pior BAPE de todos os tempos. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano XIX, 14 jun. 1991. Esportes, p. 6.

¹⁹ Referem-se aos campeonatos municipais de futebol das duas cidades.

²⁰ AMARILDO, Raimundo. BAPE: o pior da sua história. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 12 jul. 1996. Esporte, p. 8.

Segundo Damatta (1982), sendo o esporte uma atividade vivenciada e produzida pela sociedade, ele torna-se um veículo específico de suas expressões, relações, gestos e ideologias nacionais. Assim, o futebol seria um meio eficaz em transmitir significados sobre o que é ser brasileiro. No caso do BAPE, os significados estariam em torno da brasilidade no sertão do nordeste brasileiro demarcada pelas cidades de Juazeiro e Petrolina. Aqui o torneio em análise nos permite pensar a partir de Damo (2014) polêmicas em torno da reflexão Damattiana no tocante a sua visão generalista, onde o futebol é igualmente importante para todos os brasileiros, independente dos recortes locais e regionais²¹. O BAPE poderia ser pensado como uma entre tantas iniciativas futebolísticas no território nacional, que representaria uma perspectiva regionalizada.

Destarte, no BAPE as simbologias do universo sertanejo foram acionadas para acentuar ainda mais suas fragilidades, ao fazerem uma analogia entre sua organização e um animal comumente encontrado nas caatingas do Sertão, chamado de “peba”. Quando se adjetiva no linguajar nordestino algo de “peba”, é o mesmo que qualificá-lo como algo ruim e de má qualidade. O trocadilho entre o nome do evento e do termo que ele passava a ser adjetivado denota o significado que ele se investia naquele contexto:

Mais uma história sem pé nem cabeça começa a se estruturar no futebol de Juazeiro. Todos já sabem a que me refiro. A realização deste campeonato ou torneio como queiram chamar BAPE. Não seria um PEBA? Peba não é o animal que infelizmente está em processo de extinção, porém o peba, de como se costuma chamar aqui em nossa região quando se tem alguma coisa ruim, sem brilho ou mal feito²².

No que concerne à segunda questão relevante para a década de 1990 apontamos o descontentamento de Juazeiro em participar da competição, seja pelos jogos terem acontecido somente em Petrolina devido a problemas no estádio Aauto Morais, em Juazeiro, pelas regras que o desfavoreceu na competição ou pelos débitos deixados às agremiações daquela cidade. Jornalistas pontuaram:

Não sou nunca fui, e nem serei contra um campeonato como o BAPE, porém sou e sempre serei coerente com meus pensamentos e ações. Se Petrolina fez naquela época, o que fez, imagine o que farão agora os diretores de lá, tendo Juazeiro a seus pés, por esta cidade em inferior posição, sem o seu estádio.

²¹ O autor também apresenta outros riscos que esta generalização de Damatta provocou para além dos limites regionais e locais, como aqueles situados nas questões étnicas, de classe ou sexo. Assim, a preciosidade do pensamento de Damatta também privilegiou algumas dimensões do fenômeno social futebol, atreladas a sua visão de brasilidade, marginalizando a diversidade de “futebois” (DAMO, 2014).

²² JOSÉ, Francisco. Como chamar este torneio, Bape ou peba? Jornal de Juazeiro, Juazeiro, ano XIX, 9 jan. 1991. Esportes, p.6.

O que observamos em termos de treinamento das equipes do futebol de Juazeiro é que com a paralização do torneio Bahia-Pernambuco, os clubes de nossa cidade não estão treinando com tanta intensidade conforme acontecia anteriormente quando a competição vinha de vento em polpa²³.

Por Juazeiro, tentou-se mudar uma coisa bastante justa, que era o sistema de classificação por pontuação, independente de onde seria o time, ou de Juazeiro ou de Petrolina. Essa medida evita absurdos como já aconteceram de clubes de Juazeiro terminarem a fase de classificação do torneio sendo desclassificados, porém com mais pontos que o campeão petrolinense. Porém essa proposta foi de imediato rejeitada por Petrolina que disse só ter sentido o BAPE quando chegam uma equipe de Juazeiro e outra de Petrolina na final independente de pontuação. E assim ficou definido com a posição de Petrolina mais uma vez prevalecendo²⁴.

Aqui em Juazeiro a situação está muito difícil, bem mais complicada que em Petrolina. Os clubes continuam sem diretores formados, especialmente os três grandes clubes: Veneza, Olaria e XV de Novembro²⁵.

Os episódios em tela corroboram mais uma vez a situação de Juazeiro quando comparada à sua vizinha Petrolina. Se no campo econômico a cidade Pernambucana se afirmava como superior, o mesmo ocorria no âmbito esportivo do BAPE. Por essas lentes, Petrolina não enfrentava tantos problemas quanto Juazeiro, nos permitindo inferir que seu poderio econômico também ecoava nas decisões e organizações da competição. Tais fatos terminam por reforçar as relações entre o universo esportivo do Bape e o Vale do São Francisco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo, o BAPE revelou um Vale do São Francisco marcado pelo desenvolvimento de duas grandes cidades do Sertão nordestino brasileiro, que às margens do Rio São Francisco se fizeram irmãs e ao mesmo tempo rivais nas suas dimensões econômicas e culturais. Do âmbito econômico para o cultural, as identidades baiana e pernambucana encenaram nos estádios de futebol locais, os dramas, as diferenças e as comparações tão presentes no cotidiano de quem viveu naquela época na margem direita ou esquerda do rio São Francisco, ou seja, em Juazeiro ou Petrolina respectivamente.

Ao longo das décadas, o BAPE possuiu diferentes significados nesse universo esportivo. Na década de 1970 significou uma iniciativa inédita na agenda esportiva e do lazer local, sendo a atração principal do futebol amador

²³ JOSÉ, Francisco. Memória curta é um problema sério. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano XIX, 17 jan. 1991. Esportes, p. 6

²⁴ AMARILDO, Raimundo. BAPE poderá acontecer em março. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 23 fev. 1996. Esporte, p.8.

²⁵AMARILDO, Raimundo. BAPE e a Taça do Vale difícil de acontecer. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 17 Jan. 1995. Esporte, p.6.

regional. Na década de 1980, seus protagonistas vivenciaram problemas estruturais que evidenciaram as tensões e rivalidades comuns entre as duas cidades, mas que agora o futebol intensificava, e Petrolina terminou por ser privilegiada quando comparada a Juazeiro; mais uma vez sinalizava através do esporte suas vantagens econômicas e culturais. As edições da década de 1990 significaram o recrudescimento das rivalidades, em manifestações de violências física e simbólica em campo, bem como o retorno de situações e problemas em que Juazeiro acumulava prejuízos e frustrações. Esses fatos fazem do BAPE um fenômeno potente na capacidade de revelar significados socioculturais caros para a sociedade do vale do Rio São Francisco no Nordeste do Brasil.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Francisco Demetrius Luciano Caldas – Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. *Textos de história*, vol. 11, nº 1/2, 2003. Disponível em: <https://periodicos.unb.br>. Acesso em: 30 abr. 2022.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1882.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, mai./ago. 2003.

DAMO, Sander. "Del Opio De Los Pueblos a La Antropología De Lo Obvio: Lectura Crítica De Los Escritos De Roberto DaMatta Sobre Fútbol*." *Lúdicamente*, v. 3, n. 6, 2014. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo606552-del-opio-de-los-pueblos-a-la-antropolog%C3%ADa-de-lo-obvio-lectura-cr%C3%ADtica-de-los-escritos-de-roberto-damatta-sobre-futbol*. Acesso em: 02 mai. 2022.

DAMO, Sander, Sander. Futebol e Antropologia. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). *O futebol nas ciências Humanas no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

GUIMARÃES, Raiane. *Do estádio aos campos de várzea: A prática do futebol amador em Juazeiro Bahia*. Juazeiro-BA: Lugori, 2013.

GUIMARÃES, Raiane. O futebol Amador em Juazeiro Bahia. *AgênciaCh*, 2012. Disponível em: <http://www.agenciach.com.br/o-futebol-amador-em-juazeiro-da-bahia/>. 2012. Acesso em: 09 de jun. 2017.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C.B. *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

SOUZA, Cícero Harisson. *Juazeiro e Petrolina no contexto das cidades médias do nordeste: dinâmicas socioeconômicas e demográficas e a percepção da população*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SOBEL, Tiago Farias. *Desenvolvimento territorial nos perímetros irrigados do submédio do vale do São Francisco: o caso dos perímetros Nilo Coelho e Bebedouro (Pe)*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Disponível em: <https://1library.org>. Acesso em: 14 abr. 2022.

ORTEGA, Antônio César; SOBEL, Thiago Farias. *Estratégias de Desenvolvimento Territorial: o caso do Polo Petrolina-Juazeiro*. In: XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 2007. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/6/945.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018.

ORTEGA, Antônio César; SOBEL, Thiago Farias. Desenvolvimento territorial: uma avaliação das políticas adotadas no polo petrolina-juazeiro entre os anos 1960 e 2000. *Revista*

história econômica & história de empresas, v. 12, n. 1, jul. 2009. Disponível em: <https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/13>. Acesso em: 22 abr. 2022.

VAZ, Alexandre Fernandes. Esporte e sociedade em escritos de Roberto Damatta. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weisshaupt (Orgs.). *O futebol nas ciências Humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

VOGUEL, Arno. O Momento Feliz: reflexões sobre o Futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto e Outros. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1882.

Recebido em: 21 jan. 2022

Aprovado em: 03 jun. 2022

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista *Conexões* é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

